

AMORES GENTIS, AMORES FEBRIS... GÊNERO E EXPERIÊNCIA NOS ANOS 70-90*

Iara Beleli**

Resumo. A partir da experiência de pessoas comuns – homens e mulheres entre 40 e 50 anos, pertencentes às classes médias intelectualizadas que, de alguma forma, tiveram contato com as questões colocadas pelo movimento feminista em meados dos anos 70 – este artigo discute concepções de masculinidade e feminilidade, enfatizando as possíveis mudanças nas relações afetivas nos últimos 20 anos no Brasil. As narrativas de três homens e três mulheres aqui contempladas abrem um caminho que permite dar historicidade ao gênero.

Palavras-chave. gênero, amor, experiência.

Genteel love, feverish love... gender and experience in the years 70-90

Abstract. From the experience of common people – 40-50-year-old educated middle-class men and women that had contact with the issues raised by Brazilian feminist movement in the midseventies – this paper discusses conceptions of femininity and masculinity, with special emphasis on the possible transformations love relationship has undergone over the last twenty years in Brazil. The oral narratives of three men and three women here analyzed open a way that allows gender to be historized.

Keywords. gender, love, experience.

Nas últimas décadas, diversas perspectivas têm convergido para o questionamento de modelos, de conceitos abstratos e da universalização de categorias. Contestando a separação sujeito/objeto, essas perspectivas procuraram transformar os sujeitos – seres dotados de historicidade, vivenciando tempos não lineares.

Este artigo está centrado na reflexão sobre as concepções de feminilidade e de masculinidade apresentadas pelo diálogo com a

* Este artigo foi elaborado a partir da dissertação de mestrado intitulada *Gênero e amor. Experiências, encontros e desencontros*, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em maio de 1999, sob orientação da Prof^a. Dr^a Maria Izilda Santos de Matos. Deve-se ressaltar a atenta revisão de Luciana Camargo Bueno e os pertinentes comentários de Maria Izilda Santos de Matos e Rosely Gomes Costa.

** Doutoranda em Ciências Sociais na Unicamp e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu, da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

documentação¹, enfatizando as possíveis mudanças e/ou permanências ocorridas nas relações amorosas nos últimos 20 anos.

As representações dos sujeitos trazem uma construção da experiência de gênero vivida, na qual se percebe a procura de uma lógica sediada na memória. O quadro final, composto de pequenos pedaços, apresenta um todo flexível, provisório e múltiplo, abandonando concepções de histórias finitas.

Os Caminhos Da Experiência

Pensar a história como uma disciplina é um exercício de buscar o movimento da lógica histórica presente no **se fazer** do sujeito, sem a preocupação de captar a verdade, o real. Essa dinâmica pode, muitas vezes, dar uma sensação de incompletude. Entretanto, ela preserva a relação sintônica entre sujeito e objeto, numa tentativa de eliminar, ou no mínimo abrandar, essa separação.

A mescla de residual e emergente, de racional e não racional impossibilita o/a pesquisador/a fazer a análise do primeiro em separado, ou deixar de analisar aquilo que lhe parece não racional, como se não estivesse presente no discurso, aparentemente racionalizado, como bem lembra Thompson: “O mais velho erro do racionalismo foi supor que definindo o não racional como não fazendo parte de seu vocabulário havia, de alguma forma, conseguido eliminá-lo da vida”.²

Deixar o discurso não racional fora da análise é, muitas vezes, uma forma de fugir à crítica do relativismo. Entretanto, tal postura oculta parte das experiências vividas pelos sujeitos. Não é demais enfatizar que o **desocultamento** não significa apreensão do real, do todo, e sim abre a história às ações coletivas, permeadas pelos significados que as pessoas impingem às suas próprias ações e às de seu grupo.

A articulação dos significados de dois termos aparentemente dicotômicos, a estrutura – una, inflexível, permanente –, pautada pela necessidade, e experiência – um processo que movimenta a determinação

¹ A pesquisa baseou-se em entrevistas realizadas com três homens e três mulheres – entre 40 e 50 anos, pertencentes a uma parcela das camadas médias urbanas que, de alguma forma, estiveram influenciados, direta ou indiretamente, pelas discussões levantadas pelo movimento feminista em meados dos anos 70 no Brasil. As/os depoentes, com exceção de um, encontravam-se em busca de um relacionamento amoroso. Também foram agregadas algumas representações de masculinidade e de feminilidade presentes em revistas destinadas a um público análogo – em termos de faixa etária, classes sociais e nível de instrução – ao recorte desta pesquisa e que colocam para os leitores questões abordadas também pelos depoentes.

² Thompson, 1981:196. A tradução espanhola foi mais feliz ao colocar “universo del discurso” em lugar de “vocabulário”.

histórica –, apresentando um **se fazer** do sujeito, explicita uma **necessidade** imbuída de consciência moral e afetiva, que pode ser modificada por normas e valores.

Voltar-se para a experiência social – multifacetada, associada ao conflito, inerente ao sujeito – requer um aprendizado sobre como os modos de viver (cultura) se expressam na emergência do sujeito. Assim, “não se trata apenas de um ponto de junção entre ‘estrutura’ e ‘processo’, mas um ponto de *disjunção* entre tradições alternativas e incompatíveis” (Thompson, 1981: 183)

Apreender os modos de vida permite compreender essas relações entre estrutura e processo, ao mesmo tempo que pode evidenciar alguns pontos de ruptura nas tradições, fazendo emergir possíveis mudanças sociais, ainda que ancoradas, a princípio, em modelos tradicionais. A inclusão, na análise, do não racional apresenta a estrutura como **campo de forças**, expressado através dos conflitos entre necessidades, sentimentos, valores e normas:

...as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário. Elas também experimentam sua experiência com o sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores... (Idem, 189)

Pensar a estrutura como um campo de forças, onde as experiências vividas, ao serem narradas, estão articuladas com o tempo – heterogêneo, fragmentado e descontínuo – implode, ou no mínimo possibilita olhar criticamente, os estudos onde o cotidiano aparece como imutável, contínuo e repetitivo, bombardeando não só os “grandes fatos” cronológicos, mas concepções estanques de classe, raça, etnia e gênero.

Realidades vividas, concretas, em contraposição a normas estáticas e fixas transformam seres humanos abstratos, eternos, imóveis, em sujeitos que se movimentam e se desenvolvem numa época determinada (Febvre, 1952: 46). Captar o *modus vivendi* significa relacionar o cotidiano de seres humanos concretos aos sistemas abstratos e aos processos históricos aos quais estavam inseridos.

A emergência desse relativismo permite ainda questionar uma divisão clássica – central/periférico, inserindo aspectos periféricos na análise não mais como complemento, mas dando-lhes *status* de um **outro** definidor de política e abrindo o fato histórico, que deixa de ser considerado como único, verdadeiro e objetivo (Matos, 1997: 89-90).

A constante (re) criação dos fatos alimenta a inserção de novos sujeitos que, ao introduzirem novos olhares, questionam marcos explicativos centrados nos grandes heróis, burlando/implodindo alguns paradigmas.

Perceber como são produzidas as dicotomias – mundo real/mundo ideal, filosófico/não-filosófico, superior/inferior, espiritual/material, teórico/prático, culto/inculto, residual/emergente, arcaico/moderno, masculino/feminino, – é uma forma de analisar o político a partir do cotidiano, invertendo a construção histórica.

Entretanto, é preciso cuidar para não transformar essa inversão num outro modelo fechado e pautado por verdades absolutas. Partir da experiência para compreender as mudanças/permanências sociais não significa produzir conceitos, teorias e histórias estagnadas, ao contrário, possibilita a apreensão de conflitos, necessidades, normas e valores que emergem do sujeito.³

A experiência, o “termo ausente” de Thompson, pensada a partir da “classe”, abriu um caminho que dá margem à percepção de outras dimensões da consciência social. Assim, a construção da consciência de classe se daria nas relações sociais, afastando, portanto, a idéia de separação entre indivíduo e estrutura – o sujeito produz as, e é produzido pelas, relações sociais.

Entretanto, ao inserir a experiência – o não racional – na análise, Thompson ignora a importância da diferença sexual. Essa ausência, bastante criticada pelas feministas, apontaria para descontinuidades intraclasse (Scott, 1990A: 68-90). Se Thompson tivesse colocado em sua análise a questão da diferença sexual, talvez não fosse possível pensar na criação de uma “identidade comum da classe”.⁴ Scott aponta que

...não são indivíduos que têm experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência. Experiência nesta definição torna-se, então, não a origem de nossa explanação, não a evidência legitimadora (porque vista ou sentida) que fundamenta o que é conhecido, mas sim o que procuramos explicar, sobre o que o conhecimento é apresentado. Pensar sobre a experiência desse modo é historicizá-la, bem como historicizar as identidades que ela produz. (Scott, 1998: 304)

Utilizar as inquietações de Thompson, substituindo classe por gênero, como central da análise, permitiria perceber um **se fazer** de gênero. Esta poderia ser uma porta de entrada para se pensar, numa perspectiva de gênero, como os sujeitos pensam, vivem, constroem e modificam o mundo. Isso não

³ Este caminho pode levar à apreensão das mudanças, mas estas não são necessariamente realizadas, pois, muitas vezes, “o inventário do cotidiano é acompanhado de sua negação pelo sonho, negação esta que supõe também a ironia diante dos símbolos e ao imaginário”. Cf. Lefebvre, 1972:9.

⁴ Scott, 1998:310. Não se fará aqui uma discussão sobre o conceito de identidade, mas é instigante o alerta de Gagnebin: “...tendemos demais a assimilar semelhança, similitude (*Ähnlichkeit*) com reprodução (*Abbildung*), a pensar que a imagem de uma coisa é a sua cópia. Ou ainda, a definir a semelhança em termos de identidade, dizendo que dois objetos são semelhantes quando apresentam um certo número dos mesmos traços.” Cf. Gagnebin, 1997: 98.

significa abandonar a classe, pois seria ignorar a importância da interseção de categorias numa análise.

No entanto, essa centralidade de gênero poderia levar a novas identificações, não mais de classe, mas de gênero, colando homens a masculino e mulheres a feminino. O que se propõe pensar gênero atravessando a experiência, abrindo a documentação de forma a pensar como, na experiência dos sujeitos, gênero é vivido e (re)apresentado.

Discutindo Gênero

A discussão de gênero surge de inquietações acadêmicas, buscando destacar a característica relacional, os perfis, os comportamentos e os padrões de feminilidade e masculinidade – definidos um em função do outro.

Ao afirmar o aspecto relacional, essa percepção de gênero deu margem a muitas interpretações e utilizações. Talvez uma das mais proíficas esteja centrada em deixar de ser sinônimo de **mulheres**, instigando algumas/uns pesquisadoras/es a buscar também, a partir dos homens, essa política impressa no cotidiano.

A determinação de comportamentos vista numa perspectiva de gênero – pensado como construção histórica, social e cultural – afasta-se de naturalizações, procurando no cultural, social e histórico os significados das diferenças corporais.

A definição da categoria gênero aqui utilizada, formulada por Scott, relaciona duas proposições: “...um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos... e um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.⁵

Essa formulação de gênero é uma das perspectivas desenvolvidas no seio das discussões contemporâneas. Apesar das diferenças introduzidas no debate⁶, essas discussões mantêm uma certa continuidade com as questões introduzidas a partir da década de 70.

A diferença consiste em que, a partir da categoria gênero, a pergunta que se coloca é **como**, e não mais **por que**, entender as tensões de poder entre os gêneros. Antes de perguntar **como superar a dicotomia dominação/**

⁵ Cf. Scott, 1990B: p.14. Apesar deste texto ter sido escrito há 8 anos, a autora ainda reitera esta definição numa entrevista publicada na *Revista de Estudos Feministas* (1), primeiro semestre de 1998.

⁶ Sobre as diversas perspectivas de abordagem de gênero, ver o debate publicado no *Cadernos Pagu* (11), Campinas: Unicamp/Pagu, 1998.

subordinação⁷, é preciso se perguntar **de que modo ela se forma e como se mantém**. Não há aqui uma tentativa de desconstruir conceitos, mas “atravessar as fronteiras” (Corrêa, 1995: 126) do masculino e feminino, pensar em como os limites não estão claramente delineados.

Compreender as representações de gênero exige desvendar a trama na qual se constituem masculinidades e feminilidades e na qual se integram homens e mulheres – num confronto crítico entre um **olhar acadêmico** voltado para a discussão de gênero e o **olhar** dos agentes.

Nessa perspectiva, este trabalho está centrado em perceber como a documentação apresenta ideários de feminilidades e de masculinidades e, nessa pluralidade, apreender as significações e (re)significações das diferenças, contrapondo-as à idéia de identidade de gênero.

As definições apresentadas pela documentação – de homem e de mulher e de masculino e feminino – apontam para as marcas do corpo – o sexo a que se pertence. É evidente a ligação direta entre a mulher e o feminino e o homem e o masculino, no entanto, não é difícil perceber normas e valores aí embutidos, a exemplo da associação entre masculino e virilidade.

Essas perspectivas perpassam a teoria dos papéis sexuais, estereotipados ou não, designados a mulheres e homens. A proposta deste artigo segue caminhos diferentes. Pensar em sujeitos múltiplos com identidades flexíveis e plurais é uma forma de afastar-se da “identidade coletiva de mulheres”⁸ baseada na subordinação das mulheres aos homens, ou de “identidade coletiva de homens” permeada pela dominação.

A questão da dominação masculina tem sido intensamente debatida nos últimos anos. No entanto, os debates centrados na universalização da dominação empobrecem as possibilidades de interpretação histórica, à medida que tornam homogêneos os sujeitos, deixando de levar em conta as classes sociais a que pertencem, a raça, a etnia e a cultura em que vivem em diferentes tempos e espaços.

As concepções tradicionais de feminilidade, sintetizando atributos como fragilidade, passividade..., e de masculinidade, como força, ação...⁹,

⁷ Farge (1994) alertou para essa questão, propondo uma saída de “apreensão dialética” do “binômio dominação/subordinação”, contestando a tradicional separação entre público e privado.

⁸ Ver a crítica de Bessa, 1994:193.

⁹ Outras características podem ser acrescentadas: Mulher – espontânea, alegre, feminina, risonha, sedutora, bonita, simples, séria, elegante (objeto passivo de contemplação do desejo) – objeto simbólico; Homem – inteligente, trabalhador, corajoso (afetuoso, seguro) – sujeito social. Ainda que estes atributos estejam pensados por Bozon para a França contemporânea, eles se encaixam também na representação de homens e mulheres na documentação aqui contemplada, permeadas por adições e subtrações. BOZON, Michel. Amor, sexualidade e relações sociais de sexo na França contemporânea. *Revista de Estudos Feministas* (1), 1995.

remetem a identidades quase fixas. Se há uma hegemonia do masculino – ainda que perpassada por subdivisões, gerando “masculinidades subalternas”¹⁰ –, restaria às mulheres aceitar sua condição de subordinação, tornando-se oprimidas, ou rebelar-se.

As experiências vividas por algumas mulheres nos últimos 20 anos indicariam uma **rebelião** contra aquilo que lhe estava determinado pelos papéis associados ao seu sexo, o que levou muitos autores e parte da mídia a pensar na **estagnação** masculina como consequência da **evolução** feminina. Ora, essa idéia estaria questionando a própria idéia de dominação masculina, numa perspectiva que associa homem a masculino, quase que apontando uma inversão nas relações de poder.

Questionando essas abordagens, as diferenças colocadas pela documentação aqui analisada – entre mulheres e homens, entre homens e homens e entre mulheres e mulheres – mostram um **se fazer** constante, sugerindo que a estabilidade ou fixação para identidades femininas ou masculinas não tem lugar.

Definir gênero como “...o saber que estabelece significados para as diferenças corporais...” (Scott, 1994:12-13) explicita um conflito permeado por articulações nas relações de poder. **Desnaturalizar** significa pensar masculinidades e feminilidades como construções sociais de sujeitos históricos que, como tais, estão em constante movimento, dando historicidade ao próprio conceito.

Gênero, assim proposto, induz, de um lado, a uma reflexão sobre como as distintas percepções dos relacionamentos amorosos ou as ações de homens e de mulheres, em suas trajetórias, consideradas como introdutórias às mudanças ou permanências, expressam concepções, consagradas, de masculinidade e de feminilidade. De outro, em muitos momentos, as concepções de gênero se entrecruzam nas falas destes homens e destas mulheres e, na sua multiplicidade, formam uma trama onde feminilidades e masculinidades se pluralizam e dão margem a perceber como participam nas várias identidades aí criadas.

A noção de identidades múltiplas abriu caminhos para pensar que a rigidez daquilo que é visto, pensado e vivido como norma, ou como transgressão, também aparece nuançada, o que supera, de alguma forma, os binômios emergente/ residual, arcaico/moderno, entre outros.

Neste sentido, uma das **normas** contestadas pelo movimento feminista, ainda que afirmasse a existência da subordinação universal feminina, foi a vinculação de feminino com posição inferior, questionando o caráter natural dessa subordinação: “Um ‘natural’ que se deriva, basicamente do

¹⁰ Sobre as diferentes masculinidades, ver os trabalhos de Connel, 1997; Almeida, 1995.

biológico: a biologia determinaria as funções e espaços destinados à mulher e seria a causa de sua ‘posição social inferior’ ” (Piscitelli, 1996: 2).

Se é questionável que o dimorfismo sexual seja determinante nas **funções** sociais de mulheres e homens, também é questionável que as relações entre os sexos estejam definidas segundo padrões estabelecidos pelo fato de pertencerem a um ou outro sexo.

Vários grupos feministas percorreram este caminho, particularmente os grupos de auto-reflexão. Ainda que, a princípio, a tônica fosse a mulher, o aspecto relacional perpassava as discussões. No entanto, até pouco tempo, os homens não tinham uma organização, institucional e/ou pessoal, capaz de refletir algumas questões por eles vividas. Influenciados ou não pelas perspectivas feministas, os estudos sobre masculinidade trouxeram **novos** ares aos estudos de gênero e, pelo fato de serem recentes, justificam uma abordagem mais detalhada.

Em outubro de 1985, um grupo de homens organizou, para homens, o “Simpósio do homem”, que resultou no livro *Macho-masculino-homem, a sexualidade, o machismo e a crise de identidade do homem brasileiro* (Gandino, 1986).¹¹ Uma conclusão óbvia, expressa no título do livro, era que os homens brasileiros estavam em crise devido, de um lado, às mudanças ocorridas no comportamento das mulheres e na moral sexual e, de outro, pelo **fardo** de sua posição dominadora.

Alguns analistas enxergaram este tipo de organização como uma resposta, ou um enfrentamento, ao movimento feminista. Outros, entretanto, enfatizavam a **especialidade** destas discussões como próprias de alguns homens que estariam em busca de uma qualidade de vida melhor. Não é o caso aqui de tomar uma posição por uma ou outra análise, mas trazê-las como representações que estes homens fazem do gênero.

De que falavam esses homens? Logo na introdução, Moacir Costa, um dos organizadores do evento, coloca algumas questões que indicam uma postura auto-reflexiva em relação ao fardo de ser homem. Costa indica a construção dos modos de ser e viver para o homem ao colocá-lo como mito, mas, ao propor a associação entre ação e emoção, evoca um sentimento que as definições correntes atribuem ao feminino:

O homem acreditou no mito que se fez dele. O homem acreditou que deve ser autoritário, imbatível e único capaz de sustentar a família.

Em relação ao sexo, nem se fala; nada mais resta saber. A sua vasta **experiência sexual** o coloca como responsável pelo orgasmo feminino. Mas será que alguém que

¹¹ Este livro foi o resultado das discussões ocorridas neste encontro. Alguns textos apontam uma reflexão mais geral, ligada à área de atuação do autor, outros são perpassados por um tom de depoimento, quase um **desabafo**.

evita tanto o contato, que dificilmente exprime afeto ou que tem tanta vergonha de seu próprio corpo, pode ter uma boa vida sexual?(...)

O homem precisa refletir mais sobre si mesmo. Ele precisa reaver a sua capacidade de ver e sentir a relação com o próximo, procurando associar a ação com a emoção.¹²

Macho-masculino-homem é uma expressão que, além de criar uma identidade de gênero, cria uma identidade específica para o homem brasileiro, quase que apontando uma essência dentro daquilo que define pessoas do sexo masculino.

Falar em “crise de identidade do homem brasileiro” pressupõe, de um lado, uma homogeneidade bastante difícil, senão impossível, de ser caracterizada, apontando outros estereótipos para o masculino e para o feminino e criando uma armadilha onde a multiplicidade dos sujeitos é novamente escamoteada. De outro, afirma a necessidade das definições, afastando o “perigo do indefinido” (Corrêa, 1995: 125).

A importância dessas discussões é inegável, à medida que trouxe outros olhares que impulsionaram a inserção de novas categorias de análise nos estudos acadêmicos, categorias estas que permitiram questionar alguns binarismos reguladores das concepções de masculino e feminino, ainda que criassem outros, a exemplo do aparecimento da **nova mulher** x **crise de identidade masculina**.

Alguns estudos, que tratam a **crise de identidade masculina** como consequência do aparecimento da **nova mulher**, indicam que os homens necessitam repensar sua identidade **a partir** das mudanças ocorridas no comportamento feminino.¹³

Partilhada por outros, quase depoimentos, há uma alusão a que um **novo homem** deveria ser criado para poder/conseguir relacionar-se com essa **nova mulher**:

É minha opinião que os movimentos feministas muito têm contribuído para a reflexão sobre a necessidade deste novo homem. A nova mulher tem influenciado de forma sutil – feminina! – o reposicionamento do homem, que busca uma posição nova e mais interativa na cultura atual. (Boechat, 1995: 33)

Outros trabalhos apontam para uma crise de identidade masculina, sem que essa apareça como herdeira do feminismo, o que, segundo Nolasco (1995:23), “reduziria a complexidade da cena contemporânea à problemática

¹² COSTA, Moacir. Introdução. *In*: Gandino, 1986., pp.7-8.

¹³ Sobre essa vertente, ver depoimento de Luis Cuschinir, professor do Departamento de Psicologia da USP e coordenador do *Gender Group*, que trabalha com homens de baixa renda no Hospital das Clínicas em São Paulo. *Isto é*, nº 1322, 01/02/95. Segundo Cuschinir, esse trabalho de reflexão de homens foi criado nos EUA e Canadá para ajudar os homens a redefinir suas relações com mulheres emancipadas.

de gênero” e propõe que aquilo que está sendo chamado de **crise de masculinidade** tenha estatuto próprio:

...essa nova masculinidade solicita que um homem seja sensível, mas sem que isso comprometa sua virilidade, do mesmo modo, ele deverá ter iniciativa na vida, sem que, com isso, seja agressivo, violento ou competitivo. (Nolasco, 1997:21)

Entretanto, essa solicitação não é nova. No início do século XX, as mulheres, representadas na literatura e nos folhetins, já demandavam “homens mais delicados, que revelassem seus sentimentos” (Schpun, 1997: 190).

Na concepção euro-ocidental moderna, um homem, para não ter sua masculinidade questionada, teria que enquadrar-se no padrão de desempenho de algumas funções: provedor, forte, ativo, viril, agressivo e determinado. As propostas de trabalhos como as de Nolasco apontam algumas modificações para o comportamento dos homens. Ao trazer essas **novas** construções do masculino, ao mesmo tempo em que questionam comportamentos violentos e agressivos e buscam a **sensibilidade**, sentimento tido como **naturalmente** feminino, afirmam a necessidade da manutenção da virilidade. Assim, se, de um lado, o resgate, ou apreensão, da sensibilidade aponta para a multiplicidade dos sujeitos inseridos na história, de outro, a idéia de manutenção da virilidade reforça o binômio masculino/feminino, sugerindo uma **essência viril**.

A associação de masculinidades e feminilidades com o que fazem, respectivamente, homens e mulheres, permite pensar que a suposta inversão dos papéis geraria uma crise de identidade dos homens, como se estes estivessem contra aquilo que lhes foi determinado, como se estivessem **fora de lugar**.

Quando homens e mulheres escolhem o que fazer de suas vidas – sua opção sexual, profissional ou de lazer – implodem aquilo que, supostamente, lhes é (pré)determinado pelo sexo e abrem outros caminhos para compreender as representações de masculinidades e feminilidades, através dos quais é possível questionar binarismos que hierarquizam as relações: “um dos modos de privar a hegemonia masculina e sua heterossexualidade compulsória de suas premissas primárias mais valiosas” (Butler, 1987:151).

Neste sentido, a **crise de identidade masculina** poderia ser vista como outra forma de viver a masculinidade, da mesma forma, a **nova mulher** estaria vivenciando outras feminilidades, abrindo-se a novas, no sentido de diferentes daquilo que lhe foi determinado pelo sexo, identidades.

Outras formas de vivenciar masculinidades e feminilidades podem, muitas vezes, inferiorizar ou desvalorizar homens e mulheres, ante as definições correntes.

Tenho tantas dúvidas! Mas quando a gente se junta [referindo-se às reuniões sociais entre os homens] só dá prá falar de futebol, de mulheres alheias, da conjuntura política, da dívida externa e da cotação do dólar.
Falar (...) sobre os nossos sentimentos masculinos, não dá mesmo. Como será que você se sente quando está sem vontade de fazer amor e só faz por obrigação, para não decepcionar a companheira?
Você percebe o seu corpo? Se acha bonito ou feio? Você já achou outro homem bonito? Como é que você se sente com seu pênis? Se for pequeno ele o envergonha? Você o esconde? E suas nádegas? Como você as sente? Eu fico até sem jeito de saber essas coisas... (Costa, 1986:10)

Essas questões abrem brechas para pensar as diferentes maneiras de viver as masculinidades. No entanto, ficar “sem jeito de saber [perguntar] essas coisas” implica num questionamento de se um homem “pode” se formular essas questões e continuar sendo homem.

Em suas “reflexões sobre a identidade masculina”, DaMatta (1997:37) coloca que uma brincadeira comum entre homens, na sua adolescência – de apalpar a bunda dos meninos com a pergunta “tem pente aí?” –, era um “gesto ritual” que moldava a masculinidade. Qualquer reação de maior sensibilidade ao toque nesta região poderia ser interpretada como pouco masculina.

ser homem não era apenas ter um corpo de homem, mas mostrar-se **masculino** e **macho** em todos os momentos. Como a brincadeira do “Tem pente aí?” indicava, ninguém devia (ou podia) esquecer essa condição, nem mesmo quando conversava despreocupadamente com os amigos numa área pública da cidade. Um dos preços da masculinidade, portanto, era uma eterna vigilância das emoções, dos gestos e do próprio corpo.

Estar atento – **vigilante** – às emoções, aos comportamentos, pode significar uma certa “fragilidade na própria definição de masculinidade” (1996:63), fragilidade esta que compromete o centro da definição – a “heterossexualidade compulsória” (Butler, 1987).

Mesmo que alguns estudos sobre masculinidade e as representações de gênero aqui analisadas apontem para uma flexibilização, o masculino – singular ou plural – se apresenta vinculado ao homem e, aparentemente, não abre mão de algumas características construídas em torno do sexo, pois esse é um primeiro retorno. Como aponta Costa, “um dos principais ganhos que o conceito de gênero trouxe, quando aliados às correntes estruturalista e pós-estruturalista, foi a negação epistemológica de qualquer tipo de essência à mulher” (Costa, 1998:134).

Um segundo retorno está no aspecto relacional da definição de gênero, na medida em que reforçar um dos termos, de acordo com a reflexão de Piscitelli (1998: 155), é “limitar os aportes”:

Após densas discussões em torno do gênero terem aberto penosamente os caminhos para pensar na interação entre multiplicidade de categorias e diversas conceitualizações de masculinidade e feminilidade, inclusive em espaços que tendiam a ser considerados, até pouco tempo atrás, como homogêneos, que sentido faz a “nova” ênfase num dos lados das categorias (de gênero) que, **mais uma vez**, limita os aportes possíveis?

Essas questões indicam o cuidado que o pesquisador deve ter com aquilo que se apresenta como novo. **Novo homem, nova mulher, novas ênfases** podem mascarar permanências que definem as relações de poder.

“Engendrando” A Experiência Na História

Voltando ao termo ausente de Thompson, a experiência foi proposta como um caminho que articularia a consciência social, partindo de **uma** classe construída nas relações sociais. Ao pensar gênero como **uma** diferenciação que atravessa a experiência, percebe-se como as construções de masculinidade e feminilidade atravessam, de forma descontínua e plural, a relação entre homens e mulheres, entre homens e homens e entre mulheres e mulheres.

Quando **grupos de homens**, ou alguns trabalhos acadêmicos, apontam para a **crise da masculinidade** sugerem que o masculino é inerente ao homem – um dever ou devir – e não uma construção de gênero que pode ser descolada do homem. Esses trabalhos falam na crise de um certo tipo de masculinidade – hegemônica –, que sugere a idéia de homem homogêneo, mesmo que o localize em alguns países ou continentes, criando identidades, a exemplo do *caliente* “homem latino”. Como aponta Oliveira, “...os homens brancos de classe média quando se olham no espelho se vêem como um ser humano generalizável. Eles não estão capacitados a enxergar como o gênero, a raça e a classe afetam suas experiências” (Oliveira, 1998:91).

Colocar a “questão do poder”, como sugere Perrot (1988: 184), no centro das relações entre homens e mulheres, permitiu sair do aprisionamento economicista, enquanto principal, às vezes único, definidor das relações entre indivíduos.

Formas De Amar

Se as representações tradicionais, definidas pela cultura do Ocidente, associam homem à razão e mulher à emoção, atribuindo um sentido de complementariedade à relação, cabe perguntar se, nesta suposta transição de um modelo tradicional para um modelo em que as discontinuidades afloram, as categorias masculino e feminino continuam norteadoras para a leitura dos comportamentos individuais de homens e mulheres. “Para a larguíssima

maioria das pessoas, para o nível a que nas Ciências Sociais chamamos senso comum, ser homem é fundamentalmente duas coisas: não ser mulher, e ter um corpo que apresenta órgãos genitais masculinos” (Almeida, 1995:127).

A definição de homem para o “senso comum” se dá pela negativa – “não ser mulher”. As definições tradicionais e o “senso comum” apontam/normatizam que aos homens cabe a **proteção** da família, dos filhos e das mulheres, e às mulheres cabe **cuidar** dos homens, da família e dos filhos e, em anos mais recentes para uma considerável parcela da população, também da profissão.

Se essa representação de mulheres coloca o doméstico como um espaço de afirmação identitária, cabe a questão se essas **novas mulheres** não criaram outros espaços de afirmação, possibilitando outras identidades agora vivenciadas fora do **mundo das mulheres**.

Tanto as mulheres que aqui relataram suas experiências, quanto as mulheres lembradas nos relatos dos homens criaram **outras** identidades, mas ainda aparecem identidades fundantes, globalizadas, a exemplo da maternidade. Mesmo no caso dos depoimentos de Alberto e Marcos¹⁴, que não têm filhos e não se propõem a tê-los, as representações que fazem de suas parceiras, ainda que estas também não tenham filhos, é acompanhada do **atávico** desejo de ser mãe.

Algumas imagens parecem sugerir **novas** definições positivas de masculinidade e feminilidade. Ao mesmo tempo, elas recorrem a construções que poderiam ser pensadas como **tradicionais** para provocar o efeito de **novas**, utilizando uma linguagem de papéis sexuais, na qual a permanência da virilidade é permeada por uma certa sensibilidade.

Helena questiona se o fato da independência e auto-suficiência de mulheres como ela não “feminiliza os homens”, referindo-se tanto aos seus parceiros, quanto à educação de seus filhos.¹⁵

Será que meus filhos, ao verem uma mãe tão forte, independente, auto-suficiente não acaba fazendo com que eles se tornem mais femininos? Sim... porque isso é um problema prá quando eles forem se relacionar com as mulheres... eu não quero um homem feminino... acho que as mulheres não querem homens femininos... podem querer homens mais sensíveis...

O questionamento de Helena sugere que feminilidade e masculinidade são inerentes, respectivamente, a mulheres e homens. Ao colocar-se como forte, independente, auto-suficiente, características pensadas tradicionalmente

¹⁴ Alberto, 42 anos, é professor de uma universidade privada e Marcos, 46 anos, é pesquisador de uma empresa de capital misto.

¹⁵ Helena, 45 anos, é psicanalista e tem dois filhos homens.

como masculinas, acaba por perguntar-se se os homens não se feminilizariam, uma forma de enfatizar a relação de complementariedade entre os sexos. No entanto, de forma paradoxal, ela clama pelo homem mais sensível.

Alberto enfatiza a importância de ter como parceiras mulheres que tenham uma profissão “desde que ela não se torne um homem... se ela perde o seu modo feminino de ser, ela deixa de me seduzir enquanto mulher”. É evidente a essencialização no imaginário de Alberto, mesmo aplaudindo a inserção profissional das mulheres com quem se relaciona, implodindo a oposição **mundo dos homens/mundo das mulheres**, a essência feminina deve ser preservada.

Se as marcas do corpo aparecem como definidoras nas histórias de vida aqui relatadas, o estreitamento dos limites dos **mundos** – de homens e de mulheres – e as supostas mudanças na organização da família¹⁶ indicariam algumas mudanças nas relações entre homens e mulheres, o que não significa, necessariamente, uma mudança nas relações de poder, pois “a direção da mudança não segue um único sentido” (Scott, 1990B:14).

Assim, é questionável a identificação, quase única, do homem com o trabalho – “poder fundador de sua identidade” – ou de alguns tipos mapeados pela publicidade para retratar a mulher: “escrava-empregada”, “objeto-sexual”, “boneca deslumbrada”, burra e ingênua encantada (Siqueira, 1995:112), ou mais recentemente, a mulher executiva, a *workaholic*, numa tentativa de sintetizar identidades de homens e mulheres. Está com a razão Hamawi quando ressalta a importância

de refletir sobre o equívoco de alguns autores que tentam encontrar uma nova identidade masculina [e feminina], cometendo o erro (muito masculino e muito moderno) de supor a possibilidade de uma nova síntese (...) trata-se, portanto, de encontrar simplesmente novos nomes, novas apreciações e novas possibilidades para o **ser homem**. (Hamawi, 1995:12)

A explicitação das diferenças numa maneira essencialista alude para o modo de ser de homens e de mulheres, impingindo comportamentos diferentes pautados pelo dimorfismo sexual.

Para nós, homens, parece *nonsense* o bailado feminino depois da cópula. Não compreendemos como elas conseguem permanecer passarinhando ao nosso redor, esfregando seus pezinhos frios na nossa canela e beijando nossa orelha, se não há nenhum motivo gritante para isso. Já não cumprimos nossa missão, passo a passo – caprichamos nas preliminares, olhamos por dentro delas, usamos devidamente a

¹⁶ Sobre as mudanças na organização familiar, ver GOLDANI, Ana Maria. As famílias no Brasil contemporâneo. *Cadernos Pagu* (1), Campinas: Unicamp/Pagu, 1993; ROMANELLI, Geraldo. Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade. São Paulo: USP, Tese de Doutorado, 1986.

camisinha contra gravidez e doenças? Elas já não estão coradas e felizes? Que mais esperam de nós, depois de tamanha explosão de energia? Não entendo. (...)
 Pago por todos os opressores da história da humanidade – e quem sou eu? Um oprimido, um homem que não pode viver seu fastio pós-coito sem sustos, porque sabe que um quarto de hora mais tarde estará de novo no alto da montanha-russa da testosterona, prestes a implorar de joelhos que [ela] o encha de beijos e ouça as perversões que guardou para ela. Quem é o usado aqui? (...)
 Sexo é prisão. Doce prisão. Se há alguém escravo numa relação de sexo, somos nós, os homens. O desejo nos acorrenta às mulheres; o momento pós-coito nos liberta. Nos sentimos livres, por alguns momentos, daquela angústia permanente que é nosso desejo ancestral de copular com todas as mulheres do mundo, liberar nossos espermatozoides e proliferar nossas sementes sobre a terra. (Hernandez, 1997)

Mesmo que a representação dos comportamentos de homens e mulheres seja aqui colocada de forma muito estereotipada, ela é perfeitamente adequada ao nome da coluna – “O homem sincero”. Talvez esteja aqui expressado o que muitos homens pensam, mas não têm coragem de dizer.

A representação que Hernandez faz da prisão/liberdade está diretamente atrelada ao fato de ser possuidor do sexo masculino, colocando, de um lado, a testosterona, como uma essência que impele – “o desejo ancestral de copular com todas as mulheres do mundo”. De outro, esse desejo essencializado se afirma como produtor da felicidade das mulheres.

A introdução dessa documentação bastante recente se deu pela proximidade de algumas questões colocadas, de forma nuançada, em alguns depoimentos. Marcos aponta algumas de suas expectativas em relação às mulheres com quem se relaciona:

A Telma era uma grande companheira de cama, porque parece que ela me entendia na cama, não no lance do sexo... mas ela era boa de cama (risos)... deitava e dormia no cantinho dela... tem umas que vêm prá cima, tentam dormir abraçadas, de mãos dadas... não agüento isso... acho que passado aquele momento [referindo-se ao ato sexual] a gente quer um pouco de paz...

Paz e **fastio-pós-coito** adquirem aqui significados semelhantes, sugerindo que, após o **cumprimento da missão**, os direitos devam ser reivindicados e exercidos. Esses **direitos** são motivos de insatisfação para Maria¹⁷, que não entende porque os homens não gostam de carinho logo após o ato sexual:

...é lógico que estou falando daquilo que eu experimentei... mas os homens com quem estive sempre se colocam enfatiados com alguma aproximação depois que terminam de fazer amor... deitam e dormem (risos)... alguns até justificam que isso é porque o orgasmo prá eles é tão intenso que ficam muito cansados... mas eu não sei não!

¹⁷ Maria, 45 anos, é funcionária pública e doutoranda em ciências sociais.

sempre tenho dúvidas e acho que dormem porque não gostaram, mas quando vejo que não foi coisa de uma única noite e que está sendo muito bom quando estamos juntos... penso que pode ser diferente mesmo para os homens e para as mulheres...

Ainda que Maria também busque uma explicação biológica para comportamentos construídos social e culturalmente e para as diferenças, no seu desentendimento, não há uma reivindicação de direitos, mas sim um certo desencantamento.

Alberto, ao descrever um amigo, reforça uma idéia de homem definida pelo comportamento:

Celso é um cara assim que não consegue viver sem mulher, não no aspecto sexual, ele é assim... como um parasita, ele gruda e vai atrás, se a mulher falar: “vamos a direita...” ele vai, não é ele quem decide, ele precisa estar colado numa mulher prá sobreviver, se a mulher der um pé-na-bunda dele é um negócio gravíssimo... é um “bundão” mesmo!

A fala de Alberto traz algumas questões. Adjetivar um homem como **bundão** é algo que o coloca numa posição inferior, afinal a bunda é algo **intocável** nos homens, mesmo simbolicamente. Alberto aponta que **ficar sem mulher** não significa deixar de **fazer sexo**, coisa que Celso, aparentemente, não conseguia, pois necessitava de uma relação, o que pode significar que este homem não faz a separação entre sexo e afeto. Isso, aliado à vivência de situações onde se apresenta como parasita, onde a mulher é quem toma a decisão, o torna **bundão**.

Considerações finais

Na interseção de gênero e experiência, foi possível perceber alguns sinais que indicavam a convivência de mudanças e permanências, de arcaico e moderno, de emergente e residual nas masculinidades e feminilidades, constituindo um mosaico onde a multiplicidade acaba por implodir concepções que colocam alguns termos com significados únicos e em oposição.

Os depoimentos mostram situações onde os comportamentos são associados a construções de masculinidade ou de feminilidade, independentemente do sexo do agente. Nesse sentido, foi instigante analisar alguns trabalhos que buscam explicações para os comportamentos receosos diante dos (des)encontros entre homens e mulheres fora da família convencional, entre eles, as que colocavam a **crise de identidade masculina** como conseqüência do aparecimento da **nova mulher**, apresentando questionamentos, até então velados ou inexistentes, aos seus parceiros.

As construções apontadas, **nova mulher** – que saiu para trabalhar, viaja sozinha, tem uma profissão, é independente economicamente – ou **crise de identidade masculina** – permeada pela **emancipação da mulher**, ou pelo **fardo** de ser homem, partem do mesmo paradigma das perspectivas que derivam e limitam masculinidades a homens e feminilidades a mulheres.

Se algumas mulheres se inseriram em novos lugares, têm novas roupagens, novas preocupações, estas ainda apreciam homens portadores de atributos tradicionais – protetor, forte e gentil. Se alguns homens aplaudem essas novas inserções de uma parcela das mulheres, esse aplauso está limitado a que as novas roupagens não apaguem a **natureza feminina**.

E aqui cabe outra pergunta: São “novas” essas mulheres? os depoimentos aqui apresentados indicam a existência de mudanças claras em suas trajetórias, pois já não se encaixam exatamente na concepção de feminilidade tradicional – mãe-esposa-dona de casa – permeadas pelo recato e pela pureza. No entanto, as depoentes apresentam identidades múltiplas, que não podem, e não devem, ser simplificadas, pois seria cair na mesma armadilha que aprisiona homens e mulheres a uma única identidade definida pelo sexo.

Homogeneizar a **crise de identidade masculina**, consequência ou não do aparecimento da **nova mulher**, significa, de um lado, ignorar a multiplicidade de significados de gênero englobados nesse termo e, de outro, singulariza termos – masculino e feminino, que se apresentam como múltiplos, ainda que associados ao sexo.

As várias feminilidades e masculinidades, apresentadas nas narrativas, abrem algumas brechas para (re)pensar/(re)significar as relações entre homens e mulheres nos últimos 20 anos. Mais do que respostas, este trabalho traz algumas indagações que remetem à importância, à potencialidade e à contemporaneidade dessas questões, deixando em aberto um desafiante caminho para a historiografia.

Se deslocar masculinidade e feminilidade de homens e mulheres permite o afloramento pleno da simbologia de gênero, ancorado na realidade das relações sociais, os documentos aqui analisados **impõem o limite**¹⁸ entre masculino e feminino, na maioria das vezes, essencializando homens e mulheres, ao mesmo tempo em que pluraliza suas identidades. Talvez aqui esteja a porta de entrada para uma dessencialização que não seja apenas discursiva, mas onde o conceito de simetria esteja presente nessa pluralização.

Fazer uma análise que parte da experiência dos sujeitos, atravessada pelo gênero, pode levar a outras conformações sociais, onde mulheres e

¹⁸ O limite imposto pelo material empírico foi colocado como questão por Adriana Pisicelli ao entrevistar Miguel Vale de Almeida. *Cadernos Pagu* (11), Campinas: Unicamp/Pagu, 1998, p.213.

homens **não são, se fazem** e, neste **se fazer**, alocam, (re)alocam ou deslocam atributos antes determinados pelo dimorfismo sexual.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder. *Anuário Antropológico/95*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de Si. Uma interpretação antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século/ LDA, 1995.
- BESSA, Karla A. O Crime da Sedução. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 2, 1994.
- BOECHAT, Walter. Os arquétipos masculinos. In: NOLASCO, S. (org.) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.
- BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero. Beauvoir, Witting e Foucault. In: BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucilla. *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- CONNEL, R.W. La organización social de la masculinidad. *ISIS Internacional*, Ediciones de las mujeres, n. 24, 1997.
- CORRÊA, Mariza. A natureza imaginária do gênero. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 5, 1995.
- CORRÊA, Mariza. A natureza imaginária do gênero. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 5, 1995.
- COSTA, Claudia de Lima. O trágico do gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, 1998.
- COSTA, Ronaldo Pamplona da. Pênis, pra que te quero? In: GANDINO, A. *Macho, masculino, homem: a sexualidade, o machismo e a crise de identidade do homem brasileiro*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- DAMATTA, Roberto. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, Dario (org.). *Homens. Comportamento, sexualidade, mudança. Identidade, crise, vaidade*. São Paulo: Editora Senac, 1997.
- FARGE, Arlette. La historia de las mujeres. Cultura y poder de las mujeres: ensayo de historiografía. *Historia Social*. Barcelona, n. 9, 1994.
- FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'histoire*. Paris: Plon, 1952.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GANDINO, A. *Macho, masculino, homem: a sexualidade, o machismo e a crise de identidade do homem brasileiro*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- HAMAWI, Rodolfo. Que querem os homens? In: NOLASCO, Sócrates (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.
- Hernandez, Fabio. O fastio pós-coito. *Vip Exame*, outubro de 1997. (Seção “Atitude”, coluna “O homem sincero”)
- LEFEBVRE, Henry. *La vida cotidiana en el mundo moderno*. Madrid: Alianza Editorial, 1972.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e os estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SAMARA, E.; SOIHET, R. & MATOS, M.I.S. *Gênero em debate. Trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997.
- NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: NOLASCO, S. (org.) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.
- NOLASCO, Sócrates. Um “Homem de Verdade”. In: CALDAS, Dario. (org.) *Homens. Comportamento, sexualidade, mudança. Identidade, crise, vaidade*. São Paulo: Editora Senac, 1997.

- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discursos sobre a masculinidade. *Revista de Estudos Feministas*, n. 1, 1998.
- PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História. Operários, Mulheres e Prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PISCITELLI, Adriana. Gênero em perspectiva. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, 1998.
- PISCITELLI, Adriana. Relatório Final do Projeto Integrado de Pesquisa – História e memórias femininas. CNPq/Pagu/Unicamp, 1996.
- SCHPUN, Mônica Raisa. O amor na literatura. Um exercício de compreensão histórica. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 8/9, 1997.
- SCOTT, Joan Wallach. Prefácio à Gender and Politics of History. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, 1994.
- SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, São Paulo, n. 16, fev. 1998.
- SCOTT, Joan. *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1990A.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 16, v. 2, nov/dez. 1990B.
- SIQUEIRA, Fraílda Brito Garboggini. A mulher margarina: uma representação dominante em comerciais de TV nos anos 70 e 80. Campinas, 1995. (Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Multimeios da Unicamp).
- THOMPSON, E. P. *Miséria de Teoria ou um planetário de erros*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.